

Dívida provocou discordâncias entre Collor, sua equipe e banqueiros.

Desde o dia 19 de março, logo após a posse do governo Collor, quando uma circular do Banco Central suspendeu por tempo indeterminado as operações de câmbio para pagamento dos juros da dívida externa, o que vem prevalecendo até agora, há uma rota de colisão entre a equipe econômica, o próprio presidente Collor de Mello e a parte mais interessada, os credores. As propostas e contrapropostas nunca encontraram um ponto de convergência. Esta cronologia dos fatos mostra as discordâncias:

● Dia 15 de janeiro - O presidente-eleito Fernando Collor anuncia em Washington que na semana seguinte à sua posse mandaria uma missão a Nova York com "uma proposta concreta" para a renegociação. Os bancos exultam.

● 11 de abril - Jório Dauster, aceita o convite de Zélia para renegociar a dívida externa.

● 25 de abril - Em entrevista ao **Wall Street Journal**, Zélia diz que só iniciaria contatos com os credores durante a reunião do comitê interino do FMI. Os bancos se decepcionam com a "proposta concreta".

● 8 de maio - Em discurso no comitê interino do FMI, Zélia declara: "A posição do governo brasileiro será de rígida compatibilização do serviço da dívida à capacidade de pagamento".

● 19 de junho - Jório Dauster diz que o País não possui reservas suficientes para pagar.

● 6 de julho - Ibrahim Eris anuncia que as reservas brasileiras atingiram, em maio, seu maior saldo em cinco anos: US\$ 7,5 bilhões.

● 10 de julho - O Brasil é considerado inadimplente pelo governo americano.

● 16 de julho - Em entrevista ao **New York Times**, o presidente Fernando Collor diz que "os bancos credores deveriam tratar o Brasil como uma empresa que quebrou, trocou de administração e começa a trabalhar".

● 13 de setembro - A ministra Zélia anuncia que "o Brasil separará de suas reservas determinada quantia para pagar os juros aos bancos credores".

● 11 de novembro - Fontes do governo anunciam em Brasília que Jório Dauster voltará a Nova York "com a oferta de algum pagamento dos juros atrasados aos bancos credores".

● 13 de novembro - Ibrahim Eris no gabinete da ministra da Economia: "Zélia, não devemos pagar nada".

● 13 de novembro - Em Tóquio, o presidente Fernando Collor, em contato com o vice-presidente dos Estados Unidos, Dan Quayle, emite sinais de que concorda em pagar parte dos juros atrasados.